



Diferenças e comuns na cultura digital¹

Camila Mozzini²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

A partir das reflexões da Sigmund Freud na obra *Mal-estar na cultura*, lança-se a pergunta sobre *qual a possibilidade de constituição de um comum nesta cultura que tem como leitmotiv a segmentação?* Concebendo a cultura enquanto um campo de embate entre o comum e a diferença e instância de ambigüidades na busca à felicidade, este artigo enfatiza como tais imbricações se desenrolam na questão das tecnologias digitais, que cada vez mais se expandem e reconfiguram sentidos e sociabilidades. A abordagem desta temática tem como motivação o estudo de como se constroem estratégias que produzem seres adaptados e adaptáveis às tecnologias de informação e comunicação (TIC's).

PALAVRAS-CHAVE: Era Digital; comum; Sigmund Freud.

No clássico freudiano *O mal-estar na cultura* (2010), cultura designa “a soma total de realizações e disposições pelas quais a nossa vida se afasta da de nossos antepassados animais” (p. 87), estabelecendo como fins a proteção do humano contra a natureza e a regulamentação das relações entre os homens. Assim, reconhece-se como culturais todas as atividades e valores que colocam a Terra a serviço do ser humano, fazendo com que este se proteja e reaja frente às forças da natureza. Para que se tenha cultura, a beleza, a limpeza e a ordem ascendem enquanto exigências culturais. O âmbito da ordem é de especial importância na medida em que implica a “compulsão à

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Mestranda em Psicologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, também na UFRGS. Integrante do grupo de pesquisa Imaginalis, coordenado pela prof. Dr. Ana Taís Martins Portanova Barros, o qual atualmente estuda o estado da arte da pesquisa em fotografia e a relação entre imaginário, ciência, senso comum. E-mail: camila.mozzini@gmail.com.



repetição” (FREUD, 2010, p. 94), criando modelos e padrões que, segundo o autor, trazem “benefícios inegáveis” pois permitem o melhor uso do espaço e do tempo, domínio central que vem sendo cada vez mais reconfigurado com as atuais tecnologias digitais.

As transformações vivenciadas na atualidade estão relacionadas a mudanças que marcam o aprofundamento do processo de globalização. Assim, as contemporâneas flexibilizações do sistema capitalista de produção caminham entrelaçadas à expansão de novas plataformas tecnológicas, midiáticas e comunicacionais, impactando de forma imprevisível na própria constituição dos sujeitos e das relações humanas. Harvey (1989) lança a tese de que emergem, atualmente, novas práticas dominantes de espaço e tempo, articulando a ascensão de formas culturais pós-modernas a modos mais flexíveis de acumulação de capital – envolvendo rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual – e um novo ciclo de compressão espaço-tempo a partir da mobilidade do transporte e da flexibilidade e agilidade da informação. Sinaliza-se assim o surgimento de uma nova economia interconectada por um sistema nervoso eletrônico que exige mecanismos flexíveis de regulação a fim de satisfazer as necessidades dos mercados financeiros globais, colocando em xeque a própria capacidade reguladora do Estado (CASTELLS, 2003).

Nesse sentido, a emergência de uma ‘cultura digital’ (SANTAELLA, 2003) vem atrelada a estes movimentos de ordenação e manipulação das variáveis de espaço e tempo, implicando e transformando o modo como concebemos o sujeito e sua inserção social. Ao invés de identidades sólidas e pautadas em metas a longo prazo, cada vez mais nos encontramos interpelados pela instabilidade de nossa atual condição. Para McLuhan (2005), a aceleração do fluxo de informações rompe com a unidade do sujeito e da vida privada. Desse modo, o autor aponta que não existe a história enquanto expressão linear da temporalidade humana, pois todo o tempo se dá no agora. Não se desenvolve mais um ponto de vista único, mas também multiplicidades. Não se produzem somente mercadorias, mas também serviços. Não se tem mais uma ocupação, mas se desempenha um papel. Não se estabelece somente o controle centralizado, mas descentralizado. Não mais as pirâmides hierárquicas de tarefas, mas também pequenas



equipes de homens de variadas competências como novo padrão administrativo. Não só a produção em escala, mas sim sob medida, personalizada³.

Em meio a esta ordenação/desordenação que produz um absurdo desenvolvimento técnico, muitas das palavras de ordem de nossa atual condição cultural giram em torno da questão da segmentação e personalização de nossos corpos, hábitos e atos. É preciso segmentar o público, o consumidor, o usuário, o cliente, o cidadão, a espécie humana para que se encaixem nas categorizações e normatividades de um suposto comum. Sentir-se ‘singular’ é forma de eclipsar nossa condição eminentemente comum de espécie dotada de determinadas características fisiológicas e fadada à morte. Cobrimos a nudez de nossos corpos com a esperança de que estes se envolvam em tecidos e linhas que traduzam uma originalidade. Assim, ‘diferenciamo-nos’⁴ através de gestos e gostos que nos interpelam enquanto possíveis ‘estratégias de diferenciação’. Ao consumirmos todos os mais diversos tipos de produtos segmentados, nos vemos classificados por questionários mercadológicos em termos de hábitos. Formamos e somos formados por nichos aos quais acreditamos nos diferenciar, nos singularizar, pois quanto mais segmentados, mais potencialidades nos são desveladas. Como, na cultura contemporânea, imperativos mercadológicos de segmentação criam condições de possibilidade para a própria constituição de um comum a partir da diferença (ou da ilusão desta)?

Neste atual contexto de segmentação, assistimos à tremenda expansão de redes tecnológicas digitalizadas – celulares, computadores, *tablets*, Internet, redes sociais, dentre outros – que necessariamente implicam outros modos de subjetivação e constituição de um comum. ‘Abrem-se’ (e ao mesmo tempo ‘fecham-se’) outras formas

³ É importante situar as transformações deste contexto tecnológico como não universais, mas sim dotadas de matizes e nuances infinitas. Mesmo que o processo de globalização traga fortes ondas de homogeneização, as fronteiras que parecem não existir se relocalizam e trazem as especificidades históricas de cada cultura. Global e local, antes de instâncias opostas, são correlativas e retroativas.

⁴ A palavra “diferença” será trabalhada em sentido de suspensão, com aspas simples. Isto porque, além de extremamente complexa, traz diversos questionamentos sem respostas para mim. Pergunto-me de onde vem nossa diferença: será o percurso único e singular de cada um neste mundo? Seria a particularidade como lidamos com as diversas instâncias condicionantes e comuns a que estamos submetidos? Seria uma questão de gosto, hábitos, opiniões e preferências? Mesmo acreditando que todas as esferas se hibridizam para constituir o que nos faz diferentes, esta diferença ainda me desperta uma desconfiança: até que ponto nossas singularidades são ou não produzidas, ou seja, fontes de um comum homogeneizante e, ao mesmo tempo, segmentador? Assim, a única diferença possível que encaro como concreta está relacionada com a forma com que nos deparamos com este viver cheio de instituições, normatividades, imperativos, mas tampouco tenho certeza sobre isso...



de sociabilidade e contato que implicam o outro em uma posição mais abstrata, não física ou acessível à corporalidade, trazendo à tona a emergência de outras formas de materialidade. O material que, por muito tempo designou o estritamente palpável e mensurável, hibridiza-se ao imaterial, ao virtual, ao sensorial, assim como as conversas por meio de programas de *chats* e redes sociais trazem cada vez mais efeitos de realidade.

Desse modo, pairam no ar os mais diversos discursos sobre os impactos que estas novas tecnologias digitais trariam ao comum. O consenso, entretanto, é praticamente impossível. Há quem diga que as TIC's proporcionam novas plataformas de relacionamento que, ao invés de isolar, aproximam pessoas e impulsionam um movimento de democratização do conhecimento. Já outros apontam o aprofundamento do individualismo enquanto padrão social, o desengajamento cívico e a perda dos laços físicos de coletividade. Estaríamos caminhando para a redenção ou perdição? Haveria síntese possível entre estes dois extremos? O que nos une em meio a tantas estratégias de segmentação? Como pensar o que perpassaria grupaldades? Quais seriam os laços comuns que restam a esta sociedade que vibra a fragmentação? Há possibilidade de sermos felizes nesta cultura? Longe de apontar respostas definitivas, tais questionamentos servem mais como guia de reflexão e ferramenta de tensionamento.

Neste sentido, a abstração dos vínculos sociais está profundamente relacionada à atual etapa do sistema capitalista que, para atingir tal estágio de hegemonia, paulatinamente operou o rompimento dos vínculos imediatos (CAZELOTO, 2011). Dessa forma, há uma imbricação entre tecnologia e segmentação tanto em termos da produção das tecnologias digitais quanto de seu uso: para que um computador, celular ou mesmo uma rede interconectada de computadores sejam produzidos uma extensa compartimentalização de recursos físicos e eletrônicos é processada minuciosamente; para que seu uso se efetive, cada vez mais a telemática e suas ferramentas de conexão remetem a estratégias de personalização e singularização que requerem o preenchimento de dados que satisfazem a classificações de perfis de consumo.

Assim, Internet, redes sociais, sites de relacionamento, chats e mensagens instantâneas não apenas têm uma função técnica, mas também um uso social e subjetivo na medida em que possibilitam outras plataformas comunicativas que modificam parâmetros de contato. Partindo de mecanismos de 'singularização' e fixação de



identidades – tais como os perfis em redes sociais contendo informações pessoais e visuais dos sujeitos – busca-se, através da interconexão digital, a constituição de um comum a partir da ‘diferença’. Ao mesmo tempo em que criam as condições para a realização do projeto de segmentação proposto pelo atual modelo de consumo, os segmentos que se formam desta empreitada se comunicam, estabelecendo potenciais significados ao compartilhamento, sejam estes os mais centrados ou esquizofrênicos.

Em meio a este contexto de profundas transformações das condições existenciais e sociais do ser humano, muitas vezes a técnica é concebida enquanto ferramenta capaz de solucionar nossos dilemas mais mesquinhos e altruístas. Parece que, não nos conformando com nossa condição de imperfeição, projetamos nas tecnologias a possibilidade de reverter e suprimir tal quadro. Freud (2010), ao mesmo tempo que exalta a ordem como necessária ao aprimoramento do humano enquanto ser cultural, empreende uma crítica pessimista às conquistas e progressos técnicos e nas ciências na medida em que tal “disposição sobre o espaço e o tempo, essa sujeição das forças naturais, a realização de um anseio milenar, não eleva o grau de satisfação prazerosa” (FREUD, 2010, p. 83), ou seja, o ser humano não se tornou mais feliz mesmo com todos os aparatos tecnológicos desenvolvidos ao longo de sua errante travessia. Frente aos ganhos positivos que podem trazer o telefone, o telégrafo e aos avanços da medicina, o autor objeta que:

Se não existissem ferrovias que superassem as distâncias, então o filho nunca teria deixado a cidade natal e não se precisaria de telefone para ouvir a sua voz. Se não houvesse a navegação transoceânica, o amigo não teria empreendido a viagem marítima e eu não precisaria do telégrafo para acalmar minha preocupação por ele. De que nos adianta a diminuição da mortalidade infantil, se justamente isso nos obriga a uma contenção extrema na geração de filhos, de modo que, em geral, não criamos mais crianças do que nas épocas anteriores ao império da higiene [...] E, por fim, de que nos adianta uma vida longa se ela é penosa, pobre em alegrias e tão cheia de sofrimento que só podemos dar as boas-vindas à morte, saudando-a como libertadora? (FREUD, 2010, p. 85).

Assim, todos estes inventos que podem ser considerados como aquisições culturais do ser humano fizeram com que este se conformasse cada vez mais à imagem e semelhança de Deus, pois dotam a mão humana, através dos artifícios da técnica, da



onipotência, onipresença e onisciência divinas. Entretanto, nem a semelhança a Deus trouxe a tão sonhada felicidade, pois trocamos a potencial realização de nossos desejos através do princípio do prazer pelo princípio de realidade que, segundo Freud (2010), assegura a regulação da convivência em sociedade. A partir deste princípio, evitar o sofrimento se sobrepõe à busca do gozo, transformando a ausência de infelicidade em condição real de felicidade. E a promessa de felicidade que ecoa como dívida? Bom, frente aos diversos caminhos que podem ser trilhados nesta busca, é inevitável que a felicidade não se apresente enquanto um estado, mas sim a partir de contrastes: para sentirmo-nos felizes, temos que passar por momentos de tristeza, angústia, raiva, desilusão...

Então, qual é, afinal, o comum possível em nosso viver digitalizado? Talvez “o” comum não seja a melhor forma de expressar sobre os comuns que partilhamos em nosso frenético uso das tecnologias de informação e comunicação. Parece que o sujeito partido da psicanálise hoje abre ainda mais rombos e frestas; parece que a instabilidade se acentua no cotidiano a partir dos movimentos de aceleração da vida em termos de tempo e espaço. Em nosso comum, delineiam-se outras materialidades de si e do outro, o que implica em uma multiplicação de possibilidades de “nós”. Nada disso seria possível se não criássemos as ferramentas necessárias para dar conta desse desejo de expansão e de conhecimento que nos interpela enquanto modo de ser e estar no mundo. Entretanto, essa espécie de ‘destino técnico’ não aponta para um fim em si mesmo. Não criamos as tecnologias que criamos porque assim deveria ser ou porque estava escrito nas estrelas. Quiçá a insondabilidade dos céus nos inspirou a tal projeto, mas as formas como este se deu e nos levou ao atual estágio de ‘cultura digital’ apenas dizem um pouco sobre nós, humanos, e nossos desejos, interpelações, exclusões, contravenções e resistências.

A única pista plausível em direção ao que consiste este comum que nos perpassa digitalmente é que o intenso aumento da velocidade dos ciclos e das rotinas faz com que vivamos a vida enquanto eficácia a ser otimizada. É cada vez mais difícil se permitir “perder” tempo frente à pressão de produzir e dar conta dos deveres e lazeres da forma mais eficaz possível. As tecnologias digitais incrementam e potencializam tal processo, possibilitando tanto dinamismo quanto afobação. A Internet trabalha na aceleração de pontos de contato, a partir dos quais interagimos em prol do agora, do simultâneo. Este



comum que nos empurra a um ritmo frenético também nos impele a desesperadas tentativas de diferenciação. Por que queremos ser diferentes? Talvez para não sermos engolidos pela massificação, talvez porque somos produzidos para sermos diferentes, ou então para porque devemos ou queremos consumir coisas diferentes, ou talvez porque sejamos mesmo diferentes... mas diferentes *e* comuns *na* cultura.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CAZELOTO, Edilson. **Vínculos abstratos: a construção de um imaginário capitalista.** In: 20º Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS. Porto Alegre, 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1989.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

MCLUHAN, Stephanie e Staines, David. **McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas.** Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.